

La Comédiathèque

ARREPENDIMENTO

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Arrependimento

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Funcionário discreto de uma empresa de informática em plena expansão, Gabriel reforma-se esta noite. Insistiu em despedir-se do seu jovem chefe. O que deveria ser uma simples conversa de cortesia transforma-se num confronto. Mas, neste jogo virtual de gato e rato, quem está realmente a manipular o rato?

Personagens:

Alex

Gabriel(a)

Nesta versão, ambos os personagens são homens. Mas o género é indiferente.

Distribuições possíveis:

2H, 1H/1M, 2M.

© La Comédiathèque

O gabinete do CEO da empresa de informática Biodatech. Na parede, um retrato do fundador falecido da empresa. Alex De Azevedo, o seu filho, um trintão de elegância informal, está a escrever no computador. Na sua secretária, destaca-se uma fotografia de uma criança. Num canto, uma mesa com rodas onde estão algumas garrafas e copos. Noutra canto, uma cana de pesca. O telefone toca, e Alex atende.

Alex – Sim, Vanessa... Quem? Ah, pois é, já me tinha esquecido desse chato. Ok, sim, que entre já. E a que horas é a despedida? Certo, tentarei passar por lá. Podes preparar-me umas palavras para a ocasião? Algo no estilo de um elogio fúnebre. Porque, honestamente, já nem me lembro bem do que ele fazia aqui. O que sei é quanto nos custava no salário... Bem, era um velho amigo do meu pai. Prometi mantê-lo até à reforma. Pelo menos, amanhã livramo-nos dele. Ah, Vanessa, tens prontos os exemplares do contrato que tenho de assinar em Nova Iorque na segunda-feira? Ótimo... E os bilhetes de avião? Perfeito. Sim, sim, deixa-o entrar... (*Desliga o telefone.*) Quanto mais depressa nos livrarmos desse parasita... Com o dinheiro que vamos poupar, podemos contratar dois engenheiros juniores...

Alex volta a escrever no computador. Entra Gabriel Da Silva, um sexagenário de fato e gravata, com um estilo tradicional e antiquado que contrasta com o visual jovem e moderno de Alex. Gabriel tem um ar afável e reservado. Alex levanta o olhar do ecrã.

Alex – Ah, bom dia, senhor Da Costa...

Gabriel – Da Silva. Gabriel Da Silva.

Alex levanta-se para lhe apertar a mão.

Alex – Claro... Bom dia, senhor Da Silva.

Gabriel – Pode tratar-me por Gabriel, por favor.

Alex – Posso oferecer-lhe um café...? A menos que prefira provar este excelente whisky que me trouxe para a sua despedida. A propósito, muito obrigado.

Gabriel – Espero que tenha gostado...

Alex – Ainda não tive a oportunidade de o provar... Mas não era necessário... Normalmente, é o chefe e os colegas que oferecem algo a quem se vai embora, sabe?

Gabriel – Um whisky está ótimo... Mas acompanho-o.

Alex – Só um pequeno copo, então.

Alex serve dois copos e dá um a Gabriel.

Gabriel – Obrigado.

Brindam.

Alex – À merecida reforma, então!

Gabriel – À Biodatech! Ao seu glorioso passado e ao futuro cheio de promessas...

Alex – É verdade, é excelente...

Gabriel – É um whisky escocês. Dizem que faz bem às artérias...

Alex – Se faz bem às artérias, então... Sirvo-lhe mais?

Gabriel – Assim está bom, obrigado. Se chego já tocado à despedida... Não quero deixar uma má impressão, percebe?

Alex – Claro... (*Irónico.*) Até porque foi um funcionário bastante discreto... Seria uma pena começar agora a dar nas vistas...

Gabriel – Além disso, não quero incomodá-lo muito. Deve estar muito ocupado com a assinatura desse novo contrato.

Gabriel senta-se sem ser convidado, e Alex parece um pouco incomodado.

Alex – De facto... (*Irónico.*) Mas, por favor, sente-se.

Gabriel – Podíamos até dizer que é o contrato do século, não é?

Alex volta a sentar-se na sua cadeira.

Alex – É um marco na história da Biodatech, sem dúvida. Desta vez vamos jogar na liga dos grandes.

Gabriel – O Bank of America não é um cliente qualquer...

Alex – O nosso faturamento vai duplicar. Vamos precisar de contratar mais pessoal. (*Ainda irónico.*) Sobretudo com a sua reforma, senhor Da Costa...

Gabriel – Da Silva...

Alex – Desculpe, deve ser o efeito do whisky... Para ser honesto, não estou muito habituado. E, enfim, já está de partida...

Gabriel – É verdade... Uns vão, outros vêm, é o grande ciclo da vida... Desculpe, não o dizia pelo seu pai... Lamentei muito a sua morte, claro. Como todos nós...

Alex – Sim... Conheceu bem o meu pai, não foi? Acho que já cá estava quando ele fundou a empresa. Já eu mal o conheço. Teve de reformar-se para termos a oportunidade de conversar um pouco?

Gabriel – De facto, quando conheci o seu pai, a empresa só tinha dois funcionários. Ele... e eu.

Alex – Hoje tem dois mil...

Gabriel – Partilhávamos o mesmo escritório, num pequeno espaço que mais parecia um sótão.

Alex – Dizem que o Bill Gates fundou a Microsoft numa garagem.

Gabriel – Isso cria laços, claro. O senhor De Azevedo e eu éramos muito próximos nessa altura. Atrevo-me a dizer que éramos amigos...

Alex – Sem dúvida, foi por isso que ele insistiu em mantê-lo até ao fim. Pouco antes de falecer, quando organizava a sucessão, comentou algo sobre isso...

Gabriel – O seu pai era duro nos negócios, mas muito leal nas amizades.

Silêncio desconfortável.

Alex – E hoje, é o senhor que nos deixa, como ele...

Gabriel – Bem, ainda não estou totalmente morto.

Alex – Desculpe, não era isso que queria dizer.

Gabriel – De qualquer forma, assim como ele, parto tranquilo, não é? Com o senhor, a continuidade está garantida. E com este novo contrato, tudo aponta para um futuro promissor.

Alex não parece disposto a continuar o tema e muda de assunto.

Alex – Então, o que vai fazer com o seu tempo livre, senhor Da Silva? Agora que já não tem de se levantar de manhã para trabalhar... Bem, pelo menos para vir ao escritório, claro...

Gabriel – Na verdade... Ainda não tive muito tempo para pensar nisso. Como todos os reformados, imagino. Um pouco de desporto para tentar manter a forma. Talvez algumas viagens. E decidi envolver-me em duas ou três associações. Para sentir que ainda sou útil, de alguma forma...

Alex – É muito louvável da sua parte... Que tipo de associações, se é que posso perguntar?

Gabriel – Pois... Principalmente na SOS Suicídio. Por razões pessoais, é uma causa que me toca especialmente.

Alex – Ah, claro... Não seria indiscreto da minha parte perguntar porquê...

Gabriel – Bem, para ser sincero...

Alex (*interrompendo-o*) – Não, mas não se sinta obrigado a explicar... Na verdade, temo que não possa dedicar-lhe muito tempo, infelizmente. Na segunda-feira tenho de ir para Nova Iorque e...

Gabriel – Ah, sim... A conquista do Oeste, por assim dizer... (*Olha para o retrato do pai de Alex e levanta-se para o admirar.*) Lembro-me perfeitamente do momento em que esta foto foi tirada. Estávamos a celebrar a assinatura do nosso primeiro grande contrato, precisamente...

Alex (*impaciente*) – Queria ver-me por alguma razão, senhor Da Silva...?

Gabriel – Sim...

Alex – Apenas por cortesia, para se despedir pessoalmente? Ou tinha algum pedido especial? Se puder fazer algo por si... Talvez uma contribuição simbólica para essa associação que tanto lhe importa? A nossa empresa pode certamente permitir-se isso. (*Com ironia.*) Como prenda de reforma, um donativo à SOS Suicídio parece-me totalmente apropriado...

Gabriel volta a sentar-se, algo desconfortável.

Gabriel – De facto, tinha... algo para lhe dizer, senhor De Azevedo. Em privado...

Alex (*parece algo inquieto*) – Estou a ouvi-lo...

Gabriel – É que... não é fácil.

Alex, intrigado, tenta brincar.

Alex – Está a começar a assustar-me, senhor Da Silva... Matou algum colega de escritório que não suportava? E o cadáver está há mais de trinta anos fechado num armário, com medo que descubram o esqueleto agora que vai embora?

Gabriel – Bem, na verdade... há um pouco disso.

Alex (*claramente surpreendido*) – Conte-me isso...

Gabriel – É uma longa história.

Alex – Espero que não seja demasiado longa. Ainda tenho muitas coisas para resolver antes da sua despedida esta noite...

Gabriel – Digamos que... é um dilema moral.

Alex – Um dilema moral? Ora essa... Não sabia que os informáticos tinham dilemas morais... (*Gabriel não parece estar com humor para brincadeiras.*) Mas continue, por favor...

Gabriel – Como sabe, a reputação da Biodatech foi construída com base na primeira patente de cartão inteligente biométrico, que oferecia segurança absoluta e uma infinidade de serviços complementares.

Alex – Uma patente registada pelo meu pai, há quarenta anos.

Gabriel – E foi a partir desse primeiro sucesso que a empresa começou a prosperar. Até se tornar hoje numa das principais do país no setor de serviços informáticos.

Alex – Com este novo contrato, aspiramos mesmo a ser a primeira.

Gabriel – Não é segredo, além disso, que a Biodatech será cotada em bolsa no próximo ano.

Alex – Isso permitirá multiplicar por dez a nossa capacidade de investimento. Sobretudo em investigação. Porque, como sabe, a inovação está no ADN da nossa empresa. Se há quarenta anos o meu pai não tivesse tido a genial ideia do primeiro cartão inteligente biométrico, nem o senhor nem eu estaríamos aqui hoje...

Gabriel – Sim... Especialmente o senhor...

Alex fica um pouco desconcertado por esta ironia inesperada.

Alex – É verdade que o meu pai fundou esta empresa. Mas eu também trabalhei muito no seu desenvolvimento. Criámos milhares de empregos. Incluindo o seu, senhor Da Silva... Como dizia há pouco, construir um império comercial é um pouco como a conquista do Oeste. Claro que há os pioneiros gloriosos, mas também são precisas pessoas corajosas para arregaçar as mangas e trabalhar a terra, para que a colheita seja o mais abundante possível.

Gabriel – E foi precisamente desses gloriosos pioneiros que queria falar consigo, senhor De Azevedo. Daqueles que não puderam desfrutar dos suculentos frutos das terras que lavraram com o suor do rosto, depois de as conquistarem, muitas vezes arriscando as suas vidas.

Alex (*incomodado*) – Proponho que deixemos estas metáforas absurdas, senhor Da Silva... Não tenho a noite toda, por isso, vá direto ao ponto e diga-me o que o traz aqui.

Gabriel – E se eu lhe dissesse que esse sucesso insolente se baseia numa impostura...?

Alex – Desculpe...?

Gabriel – Quando o seu pai criou a sua primeira empresa, há quarenta anos, era uma empresa de serviços informáticos convencional, que não dispunha de nenhum produto inovador específico. Foi depois de registar a patente desse cartão inteligente biométrico que fundou a Biodatech.

Alex – O meu pai era um visionário. E um inventor brilhante. O que faz disso uma impostura?

Gabriel – Porque, senhor De Azevedo, o seu pai não foi o inventor desse produto revolucionário cuja patente foi registada em seu nome e em nome da sua empresa.

Alex assimila o golpe.

Alex – É uma acusação grave, senhor Da Silva, e até prova em contrário, sem fundamento algum. Em qualquer caso, surpreende-me que tenha esperado até ao dia da sua reforma para mencioná-lo. E, segundo o senhor, quem seria o verdadeiro autor dessa invenção?

Gabriel – Um jovem engenheiro da época. Veio apresentar o seu invento ao seu pai, porque não tinha os meios financeiros necessários para o desenvolver e comercializar sozinho.

Alex – Nada o teria impedido de registar a patente por conta própria.

Gabriel – Sabe perfeitamente que proteger uma invenção é um processo complexo e muito caro. Especialmente a nível internacional. Digamos que esse jovem era algo ingénuo. Confiou no seu pai... Precisava da sua ajuda para desenvolver o produto, e o senhor De Azevedo fez-lhe acreditar na possibilidade de uma sociedade.

Alex – Isso não explica como o meu pai lhe roubou a invenção.

Gabriel – Contratando-o, simplesmente. Para que esse cartão inteligente fosse considerado desenvolvido no âmbito de um contrato de trabalho, e assim pudesse ser patenteado em nome da empresa do seu pai, e não do jovem engenheiro que o inventou.

Alex – Mas está a dizer-me que essa invenção precedeu a sua contratação na Biodatech.

Gabriel – Por isso falei de impostura, senhor De Azevedo... Para despojar esse jovem prodígio dos benefícios da sua invenção, o seu contrato de trabalho foi intencionalmente antedatado por alguns meses.

Alex – E como sabe isso?

Gabriel – Porque fui eu quem falsificou esse contrato por ordem do seu pai.

Alex – O que o tornaria cúmplice desta alegada fraude.

Gabriel – Não nego.

Alex – Suponhamos que é verdade... E depois?

Gabriel – Depois, em vez de o associar à empresa, como lhe tinha sido prometido, esse jovem engenheiro foi despedido por uma infração profissional que não tinha cometido... Divulgação de informações estratégicas, precisamente relacionadas com essa patente. O cúmulo do cinismo, não acha?

Silêncio enquanto Alex digere toda esta informação antes de contra-atacar.

Alex – Não entendo, senhor Da Silva...

Gabriel – Da Silva.

Alex – Trabalha na Biodatech há quarenta anos. Diz ser amigo do meu pai. Aliás, ele teve a bondade de o manter no seu posto até à reforma, com um salário mais do que confortável, considerando a sua contribuição tão discutível para o sucesso desta empresa. E hoje, poucas horas antes da sua festa de despedida, vem acusar o seu antigo empregador de roubo de patente, do qual o senhor próprio seria cúmplice. Porquê? E, sobretudo, porquê agora?

Um momento de silêncio.

Gabriel – Já lhe disse que não posso continuar a viver com esta má ação na consciência.

Alex – Pelo que parece, viveu perfeitamente bem com isso todos estes anos. Por que razão a sua consciência despertou de repente hoje?

Outro momento de silêncio.

Gabriel – Porque há algumas semanas soube que esse pobre rapaz se suicidou.

Alex – Quarenta anos depois de lhe terem roubado a invenção?

Gabriel – Não... Alguns anos depois. Mas só soube o mês passado, por pura casualidade, ao cruzar-me com o filho dele numa feira profissional. E esta notícia deixou-me profundamente abalado, como pode imaginar...

Alex – As pessoas encontram sempre boas razões para se suicidarem, sabe? Nada garante que esta história, a ser verdade, seja a causa desse desfecho trágico.

Gabriel – Não, asseguro-lhe... Informe-me. Esse jovem nunca conseguiu superar o facto de ter sido privado da sua invenção. Tinha acabado de casar. A esposa estava grávida. Depois de ser despedido pelo seu pai, entrou numa espiral descendente. Fez trabalhos ocasionais. Começou a beber. Caiu numa depressão... Até cometer o irreparável.

Alex – Está a tentar fazer-me chorar, não é? Mas eu não tenho nada a ver com isso. Ao contrário de si...

Gabriel – Não pretendo minimizar a minha responsabilidade, senhor De Azevedo. Estou a falar-lhe de uma vida destruída. De uma viúva. De um órfão.

O telefone de Alex toca e ele atende.

Alex – Sim, Vanessa. Não, não demoro muito mais... O CEO do Bank of America...? Sim, sei que é urgente... Diz-lhe que ligo de volta dentro de quinze minutos, está bem? Obrigado, Vanessa... (*Desliga o telefone.*) Tudo isto é muito comovente, senhor Da Silva, embora o seu relato me pareça um pouco melodramático. Mas não passam de alegações gratuitas sobre crimes alegadamente cometidos há mais de quarenta anos. Por isso, provavelmente prescritos.

Gabriel – A dor de um homem que perdeu uma parte da sua alma nunca desaparece.

Alex – Diz que ele está morto...

Gabriel – Certamente, mas pelo menos seria justo reabilitar a sua memória.

Alex – O senhor expressa-se sempre de forma tão pomposa, ou está a gozar abertamente comigo, senhor Da Silva?

Gabriel – Não estou para brincadeiras, acredite. (*Tira uma fotografia do bolso e estende-a.*) Veja, aqui está ele... quando tinha vinte e cinco anos. Apenas alguns meses antes de tirar a própria vida... Hoje teria mais ou menos a minha idade.

Alex, desconfortável, olha brevemente para a fotografia.

Alex – Repito-lhe, mesmo que estes factos fossem verdade, estariam prescritos há muito tempo.

Gabriel – Não se o prejuízo ainda persistir. O que é o caso com a exploração de uma patente.

Alex – Essa patente passou para o domínio público há mais de dez anos.

Gabriel – Mas os produtos derivados dessa patente continuam a gerar lucros consideráveis ainda hoje.

Alex – Essa é a sua opinião. Uma opinião muito discutível.

Gabriel – Além disso, em princípio, a prescrição só começa a contar a partir do momento em que o crime é revelado. E até hoje, nunca tinha sido revelado.

Alex – Parece estar muito bem informado para alguém que só quer aliviar a sua consciência... Outro, no seu lugar, teria simplesmente ido confessar-se na igreja. O padre teria dado a absolvição imediatamente e não se falaria mais do assunto.

Gabriel – Não sou crente, infelizmente.

Alex – De qualquer forma, não cederei a chantagens. Não seria o nosso primeiro julgamento, como pode imaginar. E temos os meios para contratar os melhores advogados.

Gabriel – Claro, mas mesmo que a empresa não fosse condenada, a sua reputação ficaria seriamente manchada.

Alex – Nesse caso, senhor Da Silva, também estamos a falar da reputação de um homem que já não está aqui para se defender: o meu pai.

Gabriel – Não podemos absolver os mortos de todas as maldades que cometeram em vida. Nem mesmo quando se trata dos nossos próprios pais...

Alex – Dizia no início que o meu pai o considerava um dos seus amigos, senhor Da Silva. É assim que trata os seus amigos?

Gabriel – Esta questão vai muito além disso, senhor De Azevedo. Trata-se de reparar uma injustiça.

Alex – Mas, o que espera de mim exatamente?

Um momento de silêncio.

Gabriel – Acho que no final aceito mais um whisky...

Alex hesita um instante antes de lhe servir outro copo.

Alex – Desculpe por não o acompanhar... Ainda não estou reformado e tenho muitas coisas para fazer.

Gabriel – Como devolver a chamada a esse grande cliente com quem tem de assinar o contrato na segunda-feira, em Nova Iorque...

Alex – Isso não é da sua conta, senhor Da Silva. Não passava de um funcionário obscuro entre os dois mil que trabalham na Biodatech. E em poucas horas, já não fará parte desta empresa...

Gabriel – Beberei para esquecer essa triste perspectiva... Tem a certeza de que não quer brindar comigo outra vez?

Alex – Absoluta.

Gabriel toma um gole do whisky e saboreia-o.

Gabriel – Não sabe o que perde. O segundo copo é ainda melhor que o primeiro. Quinze anos de envelhecimento, sente-se bem o sabor do velho carvalho onde este precioso néctar amadureceu.

Alex – Não quer também um charuto?

Gabriel – Obrigado, deixei de fumar. Se quero aproveitar um pouco da minha reforma...

Alex – Estou a ouvi-lo, senhor Da Silva. E seja breve...

Gabriel – Como lhe disse, primeiro queria aliviar a minha consciência.

Alex – Bem, isso já está feito... Sente-se mais leve?

Gabriel – Depois, na medida do possível, reparar o que for possível.

Alex – Reparar? Disse-me que o seu génio desconhecido está morto.

Gabriel – Reabilitar a sua reputação.

Alex – Arruinando a do meu próprio pai?

Gabriel – E compensar a viúva e o órfão, claro.

Alex – Tenho de dizer que me impressiona, senhor Da Silva. Recebo-o poucas horas antes da sua reforma, nunca troquei mais de duas palavras consigo. E pretende destruir, mesmo antes de partir, tudo o que o meu pai dedicou a sua vida a construir. Oferecendo-lhe, além disso, um emprego bem remunerado nesta empresa durante toda a sua vida.

Gabriel – Não se trata de mim, mas sim daquele homem cuja vida foi destruída. Sei que é um homem honesto, senhor De Azevedo. Acredite, agora que também sabe, não conseguirá viver com este peso na consciência.

Alex – Ouça, senhor Da Silva, não duvido da sinceridade das suas intenções, mas compreenda bem a situação. Seja qual for o resultado de um eventual julgamento, a revelação deste assunto prejudicaria duradouramente a reputação da empresa. A curto prazo, poderia até comprometer a assinatura desse enorme contrato que estou prestes a fechar na segunda-feira, em Nova Iorque.

Gabriel – Estou plenamente consciente disso, acredite...

Alex – A Biodatech teria de abdicar das contratações previstas no âmbito do seu desenvolvimento. Talvez até fôssemos obrigados a despedir. Sem mencionar uma possível falência... É esse o presente que quer deixar à empresa que o sustentou durante tantos anos?

Gabriel – Desta vez é o senhor que está a tentar comover-me, Alex...

Alex – Se me permite, prefiro que continue a chamar-me senhor De Azevedo.

Gabriel – Entendo o seu ponto de vista, pode ter a certeza disso. Mas ponha-se no meu lugar.

Alex – Prefiro ficar no meu, se não se importa...

Gabriel – Para mim, esta é a última oportunidade de restabelecer a verdade. Na verdade, estava a pensar em mencionar este assunto no meu discurso...

Alex – O seu discurso...? Que discurso...?

Gabriel – O meu discurso de despedida, daqui a pouco, durante a minha festa de reforma.

Alex – Uma confissão pública? Diante de todos os executivos da empresa reunidos para a ocasião...?

Gabriel – Sim... Será um momento doloroso para todos, sem dúvida. Doloroso, mas necessário... Diria até, saudável.

Alex – Então não se importa nada com o futuro desta empresa. Pagámos-lhe generosamente para não fazer nada durante todos estes anos, e agora que se reforma, pretende comprar uma consciência a baixo custo por um roubo de patente no qual participou ativamente.

Gabriel – Entendo a sua emoção. Descobrir que o seu pai não era exatamente o herói que imaginava é difícil...

Alex – E ainda por cima, está a gozar comigo...

Gabriel – De forma alguma! (*Olha para a foto na secretária.*) É o seu filho, não é...?

Alex – Deixe o meu filho fora disto.

Gabriel – Um dia, ele tomará as rédeas da Biodatech.

Alex – Ele tem cinco anos.

Gabriel – Sim... E, no entanto, o seu futuro já está garantido. Mesmo que decida dedicar-se ao cinema ou a colecionar arte, colocará a empresa em gestão e continuará a receber os dividendos da sua carteira de ações durante toda a vida. E os filhos dele depois também...

Alex – Uma empresa, sabe, não é um reino de opereta que se herda de pai para filho até ao fim dos tempos. A Biodatech não é o Principado do Mónaco. Os escândalos não ajudam a manter a sua prosperidade. O futuro de uma empresa depende da sua reputação, senhor Da Silva. E, às vezes, uma empresa pode falir, despedir todos os seus funcionários, e o seu CEO acabar no desemprego.

Gabriel – É verdade, os filhos dos ricos às vezes são menos afortunados que os pais, mas é muito raro caírem na verdadeira pobreza de forma duradoura. É o mesmo acontece com os proletários. Alguns conseguem subir momentaneamente alguns degraus da escada social, mas é raro chegarem ao topo e acederem à verdadeira riqueza. E ainda menos frequente que se mantenham lá o tempo suficiente para fundar uma dinastia.

Alex – O meu pai criou esta empresa do nada. É um self-made man.

Gabriel – Essa é, pelo menos, a história que gostam de contar... Um conto de fadas que os media ajudaram a popularizar. A verdade é que o seu avô era banqueiro. O seu pai estudou em Stanford, e o senhor em Harvard. Esse sótão onde supostamente fundou a Biodatech era o da mansão da família De Azevedo.

Alex – E o senhor, senhor Da Silva, onde estudou para alcançar esta posição tão invejável dentro da nossa empresa?

Gabriel – Não tive oportunidade de frequentar o ensino superior, infelizmente. Mas como não cheguei a grande coisa na vida, para além de ser o executor dos trabalhos sujos do seu pai, também não me qualificaria como um self-made man.

Alex – Então, foi só graças a esta odiosa chantagem que o meu pai o manteve no seu cargo durante todos estes anos? Aliás, não percebi muito bem. O que fazia exatamente nesta empresa, senhor Da Silva?

Gabriel – Já lhe disse, no início era o único funcionário do seu pai. Fiz um pouco de tudo: contabilista, secretário, motorista, guarda-costas...

Alex – No início... E no final?

Gabriel – Digamos que, para o seu pai, era... o seu homem para tudo.

Alex – O seu homem para tudo... Deduzo que, desde a sua morte, o senhor não fazia absolutamente nada.

Gabriel – É verdade que no meu gabinete, rodeado de todos esses esqueletos, começava a sentir que o tempo se tornava um pouco longo. Por sorte, hoje reformo-me...

Alex – Em todo o caso, se as ações do meu pai lhe causavam problemas morais, poderia ter-se demitido há muito tempo.

Gabriel – É verdade, deveria ter reagido mais cedo. Fui um covarde.

Alex – E o que o fez mudar de opinião?

Gabriel – Não queria comprometer a reputação do seu pai. Agora que já não está entre nós...

Alex – E não lhe importa manchar a memória dele...?

Gabriel – Se esse jovem engenheiro morreu, foi por nossa culpa.

Alex – Nossa? Eu nem sequer tinha nascido!

Gabriel – Falo do seu pai, de mim... Da Biodatech!

Alex – Mas eu não tenho nada a ver com isto!

Gabriel – Contudo, beneficia desta fortuna, não é?

Alex – Já percebo... Está com inveja do meu sucesso, é isso? Do sucesso do meu pai? Durante todos estes anos, contentou-se em receber o seu salário em troca do seu silêncio. E agora quer também a sua parte do bolo?

Gabriel – Não para mim. Mas para a viúva desse pobre homem. Para o filho dele.

Alex – Concretamente?

Gabriel – Poderíamos considerar... uma compensação simbólica.

Alex – Simbólica?

Gabriel – Digamos substancial, então.

Alex – Talvez eu possa pensar nisso... Com a condição de me prometer que não divulgará este assunto. E, sobretudo, que não o mencionará esta noite no seu pequeno discurso de despedida...

Gabriel – Se queremos que este génio desconhecido passe para a história como o verdadeiro inventor do primeiro cartão inteligente biométrico, será difícil não alertar a imprensa...

Alex – Isso está fora de questão.

Gabriel – Então propõe encobrir este assunto com alguns milhões de euros?

Alex – Desculpe? Está a delirar! Nunca falei de milhões...

Gabriel – Em quarenta anos, esta patente gerou-lhes mais de mil milhões.

Alex levanta-se bruscamente.

Alex – Bom, já chega! Tem provas do que afirma? Se não, peço-lhe que saia imediatamente do meu gabinete.

Muito tranquilo, Gabriel permanece sentado e tira o telefone do bolso.

Gabriel – Assegurei-me de gravar a conversa que tive com o seu pai na época. Ele dava-me as instruções para falsificar aquele contrato de trabalho que lhe permitiu apropriar-se fraudulentamente da famosa patente.

Alex – Uma gravação de há quarenta anos?

Gabriel – Não era a pré-história, sabe? Já existiam gravadores de fita...

Alex – Já vejo... Um gravador em miniatura, como nos filmes de espões dos anos 60... (Ironicamente.) Estava muito bem preparado para alguém que só se guiava por considerações morais.

Gabriel – Digamos que preferi tomar precauções, por via das dúvidas...

Conecta uns auriculares ao telefone e estende-os a Alex, que os coloca no ouvido. Gabriel carrega numa tecla no telefone, e Alex ouve atentamente antes de tirar os auriculares de repente.

Alex – Já ouvi o suficiente...

Gabriel – Entendo. Essa voz de além-túmulo é difícil de ouvir. Ainda mais sabendo que é a de um vigarista...

Alex – Então, deliberadamente armou uma cilada ao meu pai para garantir uma reforma confortável quando chegasse o momento...

Gabriel – O senhor conhecia o seu pai... Ele podia ser implacável. Essa gravação era, para mim, uma apólice de seguro.

Alex – Uma apólice de seguro...? Segundo o senhor, o meu pai poderia tê-lo eliminado para apagar as provas do seu crime... Isto não faz mais do que melhorar. Agora também o acusa de ser um assassino em potência?

Gabriel – Se soubesse tudo o que tive de fazer por ele... É melhor que isso se perca para sempre no esquecimento, acredite, porque se viesse a público... Mas esse não é o tema de hoje.

Alex – Então, qual é o tema de hoje? O que espera exatamente de mim?

Gabriel – Se não quiser que este assunto venha à tona, teremos de chegar a um acordo financeiro.

Alex – Não estará também a pensar em opções sobre ações, pois não?

Gabriel – Estava mesmo a ponto de sugerir isso...

Alex – Portanto, trata-se claramente de uma chantagem.

Gabriel – O senhor simplesmente herdou a empresa do seu progenitor. Não criou nada. Quanto ao seu pai, também não era o inventor brilhante que fingia ser. Era apenas um impostor. Um ladrão. Um ladrão de ideias, mas ladrão, ainda assim. Sim, detesto a sua arrogância de classe.

Alex – Então, é uma espécie de justiceiro?

Gabriel – Em pequeno, já me achava o Robin dos Bosques...

Alex – Acabemos com isto. Quanto quer?

Gabriel – Uma percentagem da empresa que está prestes a entrar em bolsa. Não lhe custará nada, por assim dizer... Para si será apenas um ajuste contabilístico. Em qualquer caso, não afetará a tesouraria da Biodatech.

Alex – Então já não falamos da viúva e do órfão...

Gabriel – Se queremos evitar que este assunto se torne público, com as desastrosas consequências que o senhor próprio mencionou, é melhor que fique entre nós, não acha...?

Alex – O Robin dos Bosques roubava aos ricos, mas para dar aos pobres, não para encher os próprios bolsos... O senhor não passa de um ladrão. E, além disso, um chantagista.

Gabriel – Roubar a um ladrão continua a ser roubo?

Alex – Quanto?

Gabriel – Digamos 5%. Como vê, não sou ganancioso. Para a Biodatech será completamente indolor.

Alex – Pensava que era um defensor das causas perdidas. Desilude-me, senhor Da Silva.

Gabriel – Farei as minhas boas obras à minha maneira...

Alex – Uma fundação, talvez...? Ou uma grande doação para a SOS Suicídio...?

Gabriel – Porque não? Enquanto isso, considere isto como uma prenda de despedida.

Alex – Uma prenda muito cara...

Gabriel – O que pensava oferecer-me? Uma cana de pesca?

Alex – Como adivinhou?

Gabriel – Então, como vai ser?

Alex – Como posso ter a certeza de que não guardou uma cópia dessa gravação?

Gabriel – Ficarei com 5% das ações da empresa. Não me interessa que a companhia vá à falência... ou que perca valor em bolsa.

Alex – Qual de nós dois será o maior sem-vergonha, senhor Da Silva?

Gabriel – Quem tiver mais ações, suponho. E neste caso, é o senhor.

Gabriel coloca um documento sobre a secretária.

Alex – Tinha tudo planeado...

Gabriel – Só tem de assinar.

Alex – Acho que no fim vou mesmo beber um whisky.

Serve-se de um copo grande e bebe-o de um trago.

Gabriel – Não quero pressioná-lo, mas gostaria de ter tempo para corrigir o meu discurso.

Alex ainda hesita.

Alex – Espere um minuto... Antes de assinar, se me permite, gostaria de verificar a veracidade do que afirma. Saber se esse tipo está realmente morto e se, de facto, se suicidou. Como se chamava?

Gabriel – Gabriel Da Silva...

Alex – Desculpe?

Gabriel – Esse pequeno génio da informática era eu.

Alex – Então mentiu.

Gabriel – Digamos que era uma metáfora... Esse jovem inventor já não existe. De certa forma, aceitou desaparecer aos 25 anos ao renunciar à sua invenção, sob pressão.

Alex – A sério?

Gabriel – Não tinha dinheiro. Aceitei conscientemente assinar aquele contrato com data falsificada. O seu pai convenceu-me de que nunca poderia proteger a minha invenção. Pelo menos garantiu-me que a patente ficaria na empresa. E eu também... Para sempre.

Alex – E agora que já comeu o bolo, também quer levar a massa?

Gabriel – Assinei um contrato com o diabo. O diabo morreu. Considero-me livre. Devo isso à minha família. Aos meus filhos... Aos meus netos.

Alex – Mesmo assim, foi o meu pai quem fundou esta empresa... Quem assumiu todos os riscos...

Gabriel – É verdade, escolhi o caminho fácil. A segurança do emprego. À custa de um pacto que me despojou da minha invenção. O seu pai recolheu todas as honras e recebeu todos os lucros, dos quais o senhor herda hoje. Em troca, recebi apenas a garantia de uma vida tranquila e discreta, sem preocupações financeiras.

Alex – Disse-me que não tem estudos. Portanto, não é engenheiro informático.

Gabriel – De facto. Naquela altura, era apenas um autodidata com talento. Essa é também a razão pela qual me deixei enganar tão facilmente pelo seu pai. Como vê, no final, não lhe menti assim tanto. Hoje, o velho que sou quer vingar o jovem que traiu.

Alex – Vingar-se? De mim? Mas eu não tenho nada a ver com isso!

Gabriel – Não, como todos os herdeiros. Apenas beneficia por ter nascido no lado dos vencedores.

Alex – Sem o meu pai e sem mim, essa invenção nunca teria gerado tanto dinheiro, e sabe disso. E se a Biodatech não se tivesse apropriado dessa patente, alguém mais o teria feito. É assim que a vida funciona...

Gabriel – É verdade... O mundo é um teatro, como dizia Shakespeare. E o mundo dos negócios não é exceção. Mas só porque um dramaturgo não encena a sua própria peça não significa que perca o direito aos seus direitos de autor.

Alex assina o documento e entrega-o a Gabriel, que o recolhe.

Alex – Desejo-lhe uma boa reforma, senhor Da Silva. E, acima de tudo, não volte nunca mais aqui se quiser desfrutar dela durante mais alguns anos. Agora, com licença, vou voltar ao trabalho... para os meus acionistas.

Gabriel – Vai à minha festa de despedida?

Alex – A minha ausência daria que falar, não acha?

Gabriel – Vá, sem rancores... Ainda assim, vai oferecer-me aquela cana de pesca, não vai?

Alex – Não estique demasiado a corda, senhor Da Silva...

Gabriel – Normalmente, nos filmes, este seria o momento em que se acende um charuto, certo?

Alex levanta-se para indicar a Gabriel que deve sair.

Alex – Mas deixou de fumar, não foi? A menos que também tenha mentido sobre isso... Aliás, parece ser muito bom a inventar histórias. Diz que é um génio da informática. Não terá pedido a uma Inteligência Artificial para lhe inventar esta história, pois não?

Gabriel – O senhor ouviu a gravação...

Alex – Hoje em dia, com as novas tecnologias, pode-se fazer qualquer pessoa dizer qualquer coisa... Até mesmo os mortos.

Gabriel – Quem sabe se o senhor também não acabou de assinar um pacto com o diabo...

Alex – Mais alguma coisa?

Gabriel – Uma última coisa que sempre sonhei fazer antes de sair...

Gabriel aproxima-se do retrato do fundador da empresa e, com um marcador, desenha-lhe um pequeno bigode e uma madeixa de cabelo ao estilo de Adolf Hitler.

Alex – Não sei o que me impede de lhe partir a cara.

Gabriel – O medo de não sair a ganhar, talvez... Mas sei que deixo a Biodatech em boas mãos.

Alex – Espero nunca mais o ver, senhor Da Silva...

Gabriel – Embora... Com 5% das ações desta empresa, sou o acionista minoritário mais importante. Talvez tenha vontade de me sentar no conselho de administração.

Alex – Entendo porque o meu pai teve vontade de o matar. Tenha cuidado, posso contratar alguém para acabar o trabalho por ele.

Gabriel – Dizem que a economia é a continuação da guerra por outros meios... Mas estaria a cometer um erro... Porque, se lhe interessar, tenho a ideia de outro produto que poderia revolucionar o mercado.

Alex – A sério?

Gabriel – Um novo cartão eletrónico que combine a potência de um computador quântico com um chip que reproduza o funcionamento dos neurónios humanos. As possibilidades são vertiginosas, acredite...

Alex – Não tem medo de que lhe roubem a invenção outra vez?

Gabriel – Com todo o dinheiro que acabou de me dar, poderei patenteá-la... Quem sabe, talvez até funde a minha própria empresa para a explorar... Até breve, senhor De Azevedo. Preciso de rever um pouco o meu discurso...

Gabriel sai. Alex olha para o retrato do pai. Abatido, serve-se um whisky e bebe-o de um trago. Volta a sentar-se. O telefone toca.

Alex – Sim, Vanessa...? O elogio fúnebre? Ah, sim, o meu discurso para a reforma do senhor Da Silva... Não, não será necessário. Acho que agora sei o suficiente sobre o personagem... Ah, uma pergunta, Vanessa. Ele disse-me que não tinha qualquer diploma, que era autodidata. Podes verificar isso no currículo dele? *(Pausa.)* Formado numa escola de teatro? Tens a certeza? Não, não, por nada... *(Desliga o telefone, pega na garrafa de whisky e olha para ela.)* Parece que o génio voltou para a sua garrafa... *(Serve-se outro copo, bebe e faz uma careta.)* Este whisky tem um sabor estranho...

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Janeiro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-306-4

Documento para download gratuito